

JEAN-PAUL SARTRE E PAULO FREIRE: APROXIMAÇÕES ENTRE A LIBERDADE EXISTENCIALISTA E A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

*JEAN-PAUL SARTRE AND PAULO FREIRE: ARTICULATION BETWEEN
EXISTENCIALIST FREEDOM AND LIBERTARIAN EDUCATION*

*JEAN-PAUL SARTRE Y PAULO FREIRE: APROXIMACIONES ENTRE LA
LIBERTAD EXISTENCIALISTA Y LA EDUCACIÓN LIBERTADORA*

Janine Moreira

Doutora em Psicopedagogia pela Universidad de Córdoba. Docente do
Mestrado em Educação da UNESCO.

Marisa de S. Thiago Rosa

Mestre em Psicologia pela PUC/RS. Docente do Curso de Psicologia da FURB.

Mestrado em Educação

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

Criciúma - SC – Brasil

Endereço:

Rua: Sérgio Behenck Evaldt, 270.

Milanese - Criciúma - SC

CEP: 88804-520

Rua: Hermann Spernau, 60 apt., 3051

Água Verde - Blumenau - SC.

CEP: 89.037-506

E-mails:

jmo@unesb.net

marisa@furb.br

Resumo: Este artigo discute alguns aspectos da teoria do filósofo existencialista francês Jean-Paul Sartre e do educador brasileiro, autor da educação libertadora, Paulo Freire. Tendo as duas teorias bases comuns na fenomenologia e no materialismo histórico, discute-se a visão de homem de cada uma, centrada em seus conceitos-chave: a liberdade existencialista e a conscientização freireana. Situa a discussão nos campos da psicologia e da educação, problematizando necessidades de mudanças nestes dois fazeres, inspiradas nestas duas visões de homem que, a despeito de suas diferenças, apresentam relevantes aproximações que fornecem elementos para recuperar radicalmente a noção de liberdade humana, de ação crítica do mundo, de inédito viável, de utopia.

Palavras-chave: Educação libertadora. Psicologia existencialista. Freire e Sartre.

Abstract: This paper discusses some aspects of the theory created by the French existentialist philosopher Jean-Paul

Sartre, and of the theory of liberating education created by the Brazilian educator Paulo Freire. Considering that the two theories are based on phenomenology and historical materialism, we discuss the view of man they present, taking as our focus the following key concepts: existentialist freedom and Freirean critical consciousness. This discussion is situated in the field of psychology and education, and investigates the needs for change in these two areas, inspired by these two views of man that, despite their differences, present relevant connections that provide elements to radically restore the notions of human freedom, critical action of the world, the “novel but viable”, and utopia.

Keywords: Liberating Education. Existentialist Psychology. Freire and Sartre.

Resumen: Este artículo debate algunos aspectos de la teoría del filósofo existencialista francés Jean-Paul Sartre y del educador brasileño, autor de la educación libertadora, Paulo Freire. Como las dos teorías tienen bases comunes en la fenomenología y en el materialismo histórico, se discute la visión de hombre de cada una, centrada en sus conceptos clave: la libertad existencialista y la concienciación freireana. La discusión se ubica en los campos de la psicología y de la educación, problematizando la necesidad de cambio en estos dos quehaceres, inspiradas en estas dos visiones de hombre que, a pesar de sus diferencias, presentan relevantes aproximaciones que proporcionan elementos para recuperar radicalmente la noción de libertad humana, de acción crítica del mundo, de inédito viable, de utopía.

Palabras clave: Educación libertadora. Psicología existencialista. Freire y Sartre.

INTRODUÇÃO

Jean-Paul Sartre (França, 1905-1980) e Paulo Freire (Brasil, 1921-1997) são dois intelectuais do século XX que demarcaram fronteiras em suas respectivas áreas do saber. Sartre é uma das referências do existencialismo moderno, teoria embasadora de ações e reflexões nos mais diferentes saberes das ciências humanas. Edificou sua obra entre os anos 1930 e 1970, a qual é profundamente marcada por uma permanente reflexão crítica acerca dos fundamentos teóricos, filosóficos e psicológicos das teorias vigentes. Buscou libertar o homem do subjetivismo e idealismo por um lado, e das teorias mecanicistas por outro, as quais, ao mesmo tempo em que não realizavam o esclarecimento científico de como uma personalidade humana se constitui, ao permanecerem numa fase empírica da construção do conhecimento, desconsideravam a liberdade como a condição de existência do homem. Além disso, Sartre vivenciou de forma intensa o limite humano no contexto da II Guerra Mundial, tendo sido, inclusive, preso em campo de concentração. Freire é propositor da chamada educação libertadora, a qual, por sua vez, alinhavou rumos para a educação, não só dos países antigamente chamados de Terceiro Mundo, mas também da educação universal, tendo escrito seus princípios estruturantes nos anos 1960, em pleno contexto das ditaduras militares latino-americanas, sendo preso e exilado. A teoria pedagógica de Freire tem no existencialismo sartreano uma de suas fontes e ambos, existencialismo e educação libertadora, têm como base comum a fenomenologia e o materialismo histórico. É esta origem comum, assim como seus caracteres inquietantes (revolucionários?) – talvez porque advindos desta origem, como também de seus contextos sociais – que nos permite aproximá-los para refletir sobre o conceito de subjetividade presente em suas teorias e as implicações para o âmbito da psicologia e da educação. As reflexões suscitadas pela problematização da subjetividade no campo da psicologia parecem claras, uma vez que é a subjetividade o seu objeto de estudo (ao par de infindáveis delimitações, de acordo com as várias teorias psicológicas: inconsciente, comportamento, mente... e também subjetividade). No campo da educação, pode-se dizer que todo projeto educativo tem como substrato uma visão de homem e de mundo na qual a subjetividade está presente. A proposta deste texto é evidenciar a visão de homem – a compreensão de subjetividade – subscrita no existencialismo sartreano – a partir de seu conceito central de liberdade – e na educação libertadora – a partir de seu conceito central de conscientização. Todavia,

esta semelhança no ponto de origem não invalida a apresentação de pontos dissonantes entre si em seus entendimentos ulteriores.

Isso posto, demarca-se nossa produção situando-a nos âmbitos da psicologia e da educação. Foi com uma formação como psicólogas existencialistas que se desenvolveu nossos respectivos trajetos: a clínica e a educação. Se todo projeto educativo passa, como se dizia, por uma subjetividade, este texto pretende discutir algumas aproximações entre a subjetividade existencialista de Sartre e a contida na proposta libertadora de Freire. Assim, contribuir com reflexões acerca de nossos fazeres no âmbito da psicologia e da educação.

Considera-se que o conceito-chave ao qual se deve dedicar, e que é comum a ambos os autores, é o de liberdade. Iniciar-se-á com a discussão da liberdade sartreana e, logo após, com a educação libertadora de Paulo Freire. O eixo seguido é o entendimento do inacabamento humano e da história, baseado no indeterminismo, no vir-a-ser, ponto comum a ambos os autores. Nas histórias individuais e coletivas, em construção perene, encontram-se as tramas existenciais. Inseridos nestas tramas é que se tomam decisões e se forma no que se é, em meio a códigos morais, estigmas sociais, racionalidades, paixões.

O homem está condenado a ser livre, diz Sartre, a cada ato revela-se como um ser que eleger a si e ao mundo, mesmo quando essa eleição não é vivida como tal; e será aquilo que fizer de si, o resultado de suas escolhas no mundo; então, a liberdade é sua condição ontológica. Tal condição torna-se possível pela dimensão transfenomênica do sujeito, qual seja, a consciência como intencionalidade. A educação libertadora se faz a partir da conscientização, diz Freire, no sentido de uma busca pelo homem de sua inserção no mundo; a liberdade é a vocação ontológica de “ser mais”, e qualquer situação que impeça o homem de realizar esta possibilidade será vista como opressão, uma situação a ser superada. A partir dos pontos comuns e incomuns entre Sartre e Freire no tocante à subjetividade, pode-se tecer consideração no âmbito da prática da psicologia e da educação.

UM SER DE LIBERDADE – A CONDIÇÃO ONTOLÓGICA SARTREANA

A liberdade como condição ontológica do homem possibilita compreender as vidas individuais – assim como a vida social – como “possíveis”. Sartre faz a

crítica ao determinismo de teorias que concebem o homem como portador de uma natureza, assim como a história dentro de uma razão.

Para Sartre, o homem é um projeto vivo, caracterizando-se por um movimento perene de negação do que foi (eu passado) na busca do ser que ainda não é (eu futuro, seu desejo de ser). É o projeto sendo o próprio homem em movimento.

Pois queremos dizer que o homem, antes de mais nada, existe, ou seja, o homem é, antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro, e que tem consciência de estar se projetando no futuro. De início, o homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés de musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto; não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser. (SARTRE, 1987a, p. 6).

Entre estes dois momentos – passado e futuro –, que são os momentos de objetividade, uma vez que o homem se objetiva na ação –, está a subjetividade. Esta se constitui por meio de um conjunto de racionalidades, a que se pode denominar inteligibilidade, ou seja, um conjunto de valores unificados, organizados, que permeia todas as atitudes individuais, presente na contextura sociológica que medeia a apropriação reflexiva do sujeito no contexto social, resultando numa certa experimentação psicofísica, no plano singular. Pode-se dizer que a subjetividade em Sartre é constituída a partir das experiências de um sujeito concreto, em carne, ossos e nervos, com a objetividade da realidade concreta, passando pela mediação dos grupos aos quais pertence. Assim, o homem interioriza uma exterioridade, que é sempre sociológica. Esse processo de interiorização do sociológico, fundado numa dada materialidade, situada no tempo e no espaço, é diverso em cada indivíduo, porque depende de como o sujeito realizará a apropriação das experiências da vida de relações, de acordo com as mediações presentes na história de vida de cada um, resultando num saber-de-ser que é singular-universal, no qual se encontra a inteligibilidade de uma época, que se organiza numa inteligibilidade específica, a do ser daquele sujeito. Essa interioridade, porém, só pode existir no mundo se exteriorizada, o que se dá por meio da objetivação, na práxis. Não há interiorização subjetiva sem a sua exteriorização objetiva no mundo, o que permite constatar que o homem é uma *subjetividade objetivada*. A objetivação é guiada pela escolha do indivíduo, limitada pelo contexto sócio-histórico, mas não deixando de ser escolha, visto ser a realização de um dos vários “possíveis” humanos. É a liberdade em Sartre, uma dimensão ontológica do homem:

É superando o dado em direção ao campo dos possíveis e realizando uma possibilidade entre todas que o indivíduo se objetiva e contribui para fazer a história: seu projeto

toma, então, uma realidade que o agente talvez ignore e que, pelos conflitos que ela manifesta e que engendra, influencia o curso dos acontecimentos. (SARTRE, 1987b, p. 153).

Assim, a escolha de um futuro, perante vários possíveis, é o momento em que a subjetividade torna-se objetividade, quando se torna ação, só então existindo no mundo. O futuro do homem se torna presente, e o presente só tem sentido na caminhada do homem para um futuro, já que o homem se caracteriza como um ser voltado para um futuro real, no qual esse porvir, mesmo sendo um virtual, pois ainda não ocorreu, já afeta o homem, impulsionando-o a agir, evidenciando nessa ação a sua eleição de ser. Nesse sentido, a ação é voltada para o futuro, para o desejo de ser, fazendo o presente. A citação acima também expressa que, sendo o mundo uma obra de vários autores, o homem não tem o total controle do resultado de sua ação nele, porque esta ação irá se unir ao conjunto das ações humanas, ao nível coletivo, muitas vezes tendo para o outro um sentido diverso do que se pretendeu. É a alienação a nível ontológico, própria das relações humanas, o que significa que não há como garantir que a finalidade pretendida se concretize, tendo em vista que o mundo é uma construção coletiva, necessitando, para tanto, o tecimento dos projetos individuais num projeto coletivo.

Pela noção de práxis em Sartre, entende-se que uma realidade é viva “para um indivíduo”. É na prática, na ação concreta, que o homem se constrói. E esse movimento para a exterioridade contém um movimento para a interioridade, na qual estão seus valores: “para se tornarem condições reais da práxis, as condições materiais que governam as relações humanas devem ser vividas na particularidade das situações particulares” (SARTRE, 1987b, p. 154).

Sartre coloca importância fundamental nas mediações concretas do mundo. Ao dizer que a exterioridade é a interioridade objetivada, e que só se conhece a interioridade pela exterioridade, ele está colocando a dimensão da transcendência do eu, ou seja, o eu forma-se a partir das mediações concretas que estão no mundo, e não em seu próprio interior. O eu sempre se transcende, isto é, se exterioriza, formando-se exatamente neste movimento de exteriorização. Assim, o homem se forma a partir do que lhe é transcendente, das mediações que encontra em sua vida concreta, sendo ele próprio um ser transcendente, ou seja, passível de ser objetivado entre os outros e as coisas, nessa trama de relações materiais e humanas que o medeiam para um futuro específico, conforme for

se escolhendo. Essas mediações formam o seu campo de possíveis, e expressam uma época histórica. Conhecendo-se o homem conhece-se sua época, e conhecendo-se a época conhece-se o homem, porque um está intrinsecamente, dialeticamente, formando o outro. No dizer do autor, o homem vive o universal como particular. Isto não significa um determinismo: justamente por passar por uma interioridade, e por um eu que é transcendente, não se pode falar em determinismos: “[...] os homens fazem a sua história sobre a base de condições reais anteriores [...], mas são eles que a fazem e não as condições anteriores: caso contrário, eles seriam os simples veículos de forças inumanas que regeriam, através deles, o mundo social” (SARTRE, 1987b, p. 150).

Para a teoria existencialista, há duas formas de consciência, a irreflexiva (sem Eu) e a reflexiva (com Eu). A consciência irreflexiva pode ser percipiente (posicional de um objeto real) e imaginante (posicional de um objeto irreal). A consciência reflexiva pode ser espontânea – posicional do objeto e não posicional do Eu para si – e crítica (posicional do objeto e posicional do Eu para si). A consciência espontânea é aquela com a qual se vive a maior parte do tempo, que não posiciona o eu para si, ou seja, que não questiona sua situação no mundo na relação entre consciência e objeto. A consciência crítica é aquela que situa o Eu no mundo, questiona o sentido da ação do Eu no meio social, as consequências das escolhas individuais para a construção do Eu que se deseja sempre entre os outros. É por meio da consciência crítica que se dá o nascimento existencial, quando o homem se vê como liberdade – e não determinado – e inserido em um mundo do qual não pode se desvincular; quando entende que é responsável por suas escolhas. Quando ele se desaliena. E não há como viver o nascimento existencial sem sentir angústia, que Sartre denomina “a angústia da liberdade”: a certeza de que se será um ou outro, de acordo com as escolhas que fizer.

Então, além da alienação ontológica - no sentido de o homem não poder ter o controle de suas ações no mundo, como já foi colocado, uma vez que o mundo é a obra de todos os homens, que são todos, igualmente, liberdades -, a alienação individual se refere ao fato do homem não se sentir fazendo a história: “[...] um dos caracteres mais marcantes de nossa época é que a história se faz sem ser conhecida” (SARTRE, 1987b, p. 123). Desta forma, Sartre afirma que o homem, muitas vezes, não quer se ver como liberdade, ao contrário, quer sentir-se seguro diante de situações que entende que o determinam, não lhe restando

nada a fazer, a não ser viver o determinado, ou as escolhas de outras pessoas. E é assim que muitos vivem comodamente seus lugares instituídos no mundo, sem se verem como construtores destes lugares. Sem nascerem existencialmente. Se, para Sartre, o homem está condenado à liberdade, o nascimento existencial é exatamente a criticidade de saber que se é responsável por suas escolhas, no sentido de que, dependendo do que escolho, serei uma ou outra pessoa; o que é impossível é não escolher, mesmo que seja alienadamente.

A alienação individual não permite se situar na situação vivida, o que envolve a criticidade, impedindo a cada um o pleno controle das situações vividas, e o próprio domínio das consequências dos atos realizados no mundo.

A história se faz num movimento perene de totalização, destotalização, retotalização. O homem é uma "totalização em curso" porque é inacabado, fazendo-se a cada momento, assim como a história humana. O homem é uma totalização de ações, guiadas pela inteligibilidade na qual estão inseridas, e ao mesmo tempo, dialeticamente, ajudam a manter, ou a mudar. As mudanças propiciam a destotalização deste conjunto, para retotalizá-lo novamente, a partir de outros padrões, por meio de ações concretas na objetivação da subjetividade.

Embasados em Sartre, entende-se que as situações vividas pelo homem em seu cotidiano, criadoras das condições materiais de sua alienação, se não formadas por ele, são por ele mantidas em sua práxis a partir da cumplicidade para com estas situações. Tal atitude de cumplicidade decorre exatamente da problemática da liberdade, trazida ao cenário do pensamento moderno pelo existencialismo, e implica também a discussão da "má-fé", atitude que consiste na tentativa de - ao evitar a angústia da liberdade - mentir para si próprio, buscando negar o confronto do sujeito consigo mesmo e com os outros, como sendo o resultado das escolhas feitas, pela insuportabilidade em assumir-se plenamente como sujeito que faz e é feito pela história.

O existencialista declara freqüentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de uma total e profunda responsabilidade. É fato que muitas pessoas não sentem ansiedade, porém nós estamos convictos de que estas pessoas mascaram a ansiedade perante si mesmas, evitam encará-la; certamente muitos pensam que, ao agir, estão apenas engajando a si próprios e, quando se lhes pergunta: mas se todos fizessem o mesmo?, eles encolhem os ombros e respondem: nem todos fazem o mesmo. Porém, na verdade, devemos sempre perguntar-nos: o que aconteceria se todo mundo fizesse como nós? e não

podemos escapar a essa pergunta inquietante a não ser através de uma espécie de má fé. (SARTRE, 1987a, p. 7).

Mas juntamente nesta estrutura está a dinamicidade e a diversidade dos acontecimentos, envolvendo e modificando os indivíduos – servindo, portanto, como mediações –, na medida em que passam por sua subjetividade. É nesta dialética, no movimento de destotalização e retotalização, que se encontram os indivíduos, que também são este movimento dinâmico e diverso, obras inacabadas.

O “SER MAIS” – A VOCAÇÃO ONTOLÓGICA FREIREANA

A pedagogia de Freire, a “Pedagogia do Oprimido”, é consubstanciada em uma educação problematizadora, ou libertadora, opositora de uma educação “bancária”, típica de contextos antidemocráticos, que sustentam, por sua vez, as desigualdades sociais. O que ele almejava era uma educação pela qual fosse possível fazer frente à “coisificação” do homem, uma educação que o “humanizasse”.

Antes de prosseguir, faz-se importante registrar que Freire, em seu livro “Pedagogia da Esperança – um reencontro com a Pedagogia do Oprimido”, obra escrita pouco mais de 20 anos após seu clássico “Pedagogia do Oprimido”, revê algumas questões do primeiro. Dentre elas, talvez o que mais se possa fazer referência na continuidade deste texto, uma vez que se irá reportar às primeiras obras do autor, foi quanto à forma que ele usou para se dirigir ao gênero humano, na condição de masculino, “homem”. Ao fazer isto, de certa forma, compactuou com a dominação de gênero do homem sobre a mulher. Ainda que esta discussão não fosse tão presente em 1968, quando escreveu a Pedagogia do Oprimido, hoje ela ganha outros contornos, alinhando-se à reflexão das demais formas de dominação, de raça, religião, classe social, evidenciando, assim, a amplitude de sua dimensão. Mas já em 1992, ano em que Freire publicou sua Pedagogia da Esperança, em uma atitude coerente com sua concepção educativa, reviu o que escrevera outrora, desculpando-se com as mulheres e, neste ato, evidencia que o ser é realmente inacabado, e que a humildade faz parte da postura educativa. Fazendo esta ressalva, e baseando-se nas primeiras obras de Freire, continuar-se-á a adotar a concepção masculina “homem” em referência ao gênero

humano. Esta escolha também decorre do fato de se estar centrando em dois autores, Freire e Sartre, e este último também utilizar “homem” no genérico. Ainda que o conjunto da obra de Sartre aponte para sua visão crítica em relação à dominação em qualquer de suas manifestações, incluindo-se a de gênero, até onde se conhece, o autor não fez nenhuma ressalva a respeito. Portanto, continuar-se-á a usar o termo “homem” no genérico, para fins de diálogo entre Freire e Sartre, mas no entendimento de que ambos os autores são críticos em relação à dominação que o termo sugere, e que Freire, inclusive, indicou esta crítica na revisão de sua obra.

Para Freire, a dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade, valor máximo da educação problematizadora. Diálogo implica pronunciar a palavra, e esta traz consigo as dimensões mutuamente implicadas de ação e reflexão. “Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo” (FREIRE, 1988, p. 77). Porque a vocação ontológica do homem é “ser mais”, “[...] existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*” (FREIRE, 1988, p. 78. Grifos do autor).

Assim, todos podem dizer a palavra, porque é condição da existência humana, e não privilégio de alguns. “Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la *para* os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais” (FREIRE, 1988, p. 78. Grifo do autor). Desta forma, “[...] o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo* [...]” (FREIRE, 1988, p. 78. Grifo do autor). Pelo diálogo os homens ganham significado como homens, sendo-lhe uma exigência existencial.

A educação problematizadora é aquela pautada na dialogicidade, na comunhão dos homens para entender e modificar o mundo, necessariamente dependente da palavra de todos os envolvidos no processo educativo, na qual a polaridade educador e educando dá lugar ao educador-educando e ao educando-educador, pois ambos “re-admiram” o mundo na “ad-miração” do mundo do outro. Neste processo, a confiança homens é fundamental.

O conceito de conscientização de Freire liga-se ao plano da ação do homem, na luta contra os obstáculos à sua humanização. É por meio da conscientização que haverá a possibilidade de inserir-se no processo histórico como sujeito.

A conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica* que a informa, é um afastamento da realidade. [...] O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmitificação. Por isto mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a *des-vela* para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante. (FREIRE, 2008, p. 33. Grifo do autor).

Freire fala dos níveis da consciência na relação homem-mundo. Partindo de uma compreensão fenomenológica, a consciência para Freire é intencionalidade, ela se relaciona com objetos que estão fora dela. A intencionalidade da consciência dita seu movimento para fora, ela é sempre consciência de alguma coisa, que está fora dela mesma, não existindo nada em seu interior. Este é o mesmo princípio encontrado em Sartre e implica uma visão de homem transcendente. Advém daí o entendimento de Freire de que a vocação ontológica do homem é "ser mais", no sentido de transcender-se.

Voltando aos níveis de consciência em Freire, o primeiro seria a consciência intransitiva, própria de indivíduos que vivem o limite de sua existência biológica, cujo objeto de sua consciência seria sua sobrevivência física. Depois viria a consciência transitiva ingênua, em que o homem consegue pensar-se no mundo, mas ainda está imerso nele. Neste nível imperam visões de mundo míticas e mágicas. Por fim, a consciência transitiva crítica seria a que possibilita o homem inserir-se no mundo, ver seu lugar nele, ver-se como produto e produtor do mundo, emergindo nele. Dependendo, então, do nível de consciência que apreende o mundo, haverá uma ação do homem nele.

Na educação problematizadora, o papel do educador é ser um possibilitador para que a "doxa" – a opinião, se transforme em "logos" – o conhecimento verdadeiro. Esta passagem se dá em situação de diálogo, em que o mundo é problematizado. A educação seria uma situação gnosiológica, possibilitadora de desafios para os educandos, na medida em que estes se implicam no mundo. Esta implicação vem das conexões que eles vão fazendo da situação estudada, propiciando um reconhecimento de si no mundo, um compromisso em atuar no mundo para sua modificação, um engajamento. A partir daí, o educando vai experienciando o "percebido-destacado", vai enxergando aspectos da vida que estavam presentes, mas não para ele. Este "percebido-destacado" possibilitará o desejo de realizar o "inédito viável" – uma situação nunca vivida, porém, viável, não impossível. Mas para ser possível, é necessária a ação. Esta educação é esperançosa, portanto, porque parte do inacabamento do homem e da história.

Porém, sabe que as mudanças não se dão magicamente: elas têm um “tempo histórico”, tempo que será o que os homens fizerem dele (FREIRE, 1988).

Uma das questões fundamentais que Freire aponta é a compreensão de que os oprimidos não são ignorantes, são portadores de um saber, mas, em sua maioria, de um saber característico da consciência intransitiva ou da consciência transitiva ingênua. Seria tarefa de uma educação libertadora a passagem para a consciência transitiva crítica, por meio da conscientização. Pode-se dizer que a consciência transitiva crítica para Freire seria a consciência reflexiva crítica para Sartre, sendo este um dos pontos principais de convergência entre as duas concepções teóricas, que, ao possibilitar um entrelaçamento entre as áreas da educação, filosofia e psicologia, enriquece a práxis do profissional ao desvelar possibilidades de atuação voltadas para a mudança do *status quo*, à medida que contribui para que o homem tenha as rédeas da sua vida em suas mãos, ao ver-se sujeito da história, e não sua vítima.

Desta forma, Freire coloca a necessidade de escolhas radicais: não é possível libertar com métodos “bancários”. A partir de um projeto de educação libertadora, o próprio caminho deve ser libertador. A libertação se faz no caminho. Isto coloca o educador perante sua escolha: ou de libertação, ou de opressão.

Freire (2009) diferencia o radicalismo do sectarismo. O radicalismo implica a perseguição da raiz do que se deseja, em diálogo com pensamentos distintos. O sectarismo implica um não diálogo, na imposição de convicções, na redução do povo à massa. O sectarismo caracteriza-se por uma matriz emocional e acrítica, o que conduz ao ativismo. O radicalismo submete a ação à reflexão, possibilitando a criticidade. Talvez seja importante, nos dias de hoje, em que há tantas sensações de volatilidade da vida, retomar o sentido genuíno do termo radical, tão pejorativamente utilizado até nos meios acadêmicos, situando radicalidade como sinônimo de intransigência e desviando, talvez, da defesa de certas “raízes” necessárias para se alcançar o inédito viável.

A educação libertadora, assim, ganha sentido na luta contra uma estrutura social desigual, inserida em uma concepção educativa mediadora da libertação do homem, a partir de sua ação no mundo; mediadora, portanto, de sua humanização.

SARTRE E FREIRE – LIBERDADE E LIBERTAÇÃO

Sartre e Freire partem da compreensão fenomenológica da consciência como intencionalidade. A consciência é sempre consciência de alguma coisa, que está fora dela mesma, transcendente a ela, e não dentro dela. Por isso o homem é um ser de relação, e só se humaniza em relação com outros homens, tendo o mundo como mediação, assim como os homens também são mediação para os outros homens. Ambos partem também da base materialista histórica, em que o homem surge em um mundo já construído por outros homens, e que se foram construindo na exata medida em que construíam o mundo. Por isso, ao surgir no mundo feito por outros, este é sempre um ponto de partida, não de chegada, não de determinação. O mundo traz condições objetivas para a existência, mas esta transcende estas condições e recria o mundo, ou o aceita. Ambos, homem e mundo, são inacabados.

A liberdade para Sartre é condição ontológica do homem, graças ao fato da consciência (condição transfenomênica do sujeito), ainda no plano ontológico, não possuir conteúdo, sendo que dela nada emana, ela não possui interioridade, mas é por meio dela que o homem consegue se relacionar com o mundo que o circunda, formando, a partir dessa relação - homem, que é corpo-consciência, e mundo, cujo fundamento é o em-si, - seu próprio saber. Aí está o fundamento da liberdade, da ausência de qualquer determinismo e de qualquer natureza humana, e que o impele a se inventar a cada instante, já que não existe nada que o determine a ser de um jeito ou de outro. Nesse sentido, ele não vai poder nunca deixar de escolher, mesmo que escolha para ele a escolha dos outros, e assim, pelas escolhas, vai construindo a si e ao mundo. A consciência reflexiva crítica (constitutiva do ser do homem) possibilita ao homem o nascimento existencial (acontecimento antropológico, pois relativo à vida de relações), rumo à realização de seu desejo de ser, que tem várias possibilidades, em situação concreta objetiva (liberdade em situação).

A liberdade em Freire é a realização da vocação ontológica do homem, que é o "ser mais", entendido como transcender-se. O "ser mais" é realizado em comunhão com outros homens, pelo diálogo, que possibilita a conscientização. Esta se dá a partir da consciência transitiva crítica – conceito que equivale ao de consciência reflexiva crítica de Sartre –, que possibilita a libertação, a emersão do homem da situação que o "engolia", e na qual se via como passivo.

Para Freire, diferentemente de Sartre, a conscientização levaria à transformação do mundo. Ele parece entender que, uma vez alcançando a conscientização, o homem escolheria transformar o mundo para realizar a vocação ontológica do "ser mais", ou seja, optaria pela libertação dos oprimidos, e inclusive dos opressores, que se libertariam pela mediação dos oprimidos, pois veriam sua atuação opressora no mundo e, mais do que isso, uma vez o oprimido mudando sua inserção no mundo, obrigaria o opressor a mudar também, pois ambos se relacionam dialeticamente. Para Sartre, a consciência reflexiva crítica não implica valor moral, poder-se-ia escolher criticamente em ser um opressor, na terminologia freireana.

No entanto, o conceito de conscientização em Freire equivale ao de nascimento existencial em Sartre, uma vez que são acontecimentos sociológico-antropológicos. A consciência e a liberdade em Sartre são do domínio ontológico, pois são constitutivos do ser do homem. Em Freire, a consciência também é ontológica, porém, a liberdade é decorrente, em termos antropológicos, do "ser mais", este sim, ontológico.

Considerando-se diferenças e semelhanças entre os dois autores, há mais complementaridade do que oposições, cada um em seu domínio. Então, retomando nossa questão inicial, como se pode pensar nossos fazeres no âmbito da psicologia e da educação?

Talvez o Brasil, hoje, já tenha vivido alguns anos mais de experiência democrática, desde a época em que Freire escreveu. Mas é inegável, ainda, uma situação de desigualdade social, de pessoas experienciando condições sub-humanas de vida. Neste contexto, a democracia não se faz inteiramente, as pessoas não dizem sua palavra, não emergem do mundo. A par da continuidade da desigualdade social, a vida moderna está cada vez mais individualizada, as pessoas estão cada vez menos coletivas. O mundo está cada vez mais apressado. Neste contexto, a impressão que se tem é de um "rolo compressor" que "esmaga" a todos, como se houvesse um movimento alheio a nossa vontade, sem que se tivesse o que fazer, vivendo as vidas em uma reprodução desesperançosa. É como se o futuro já estivesse dado. Porém, uma vez que o mundo não é dado e que, portanto, não segue em uma direção predeterminada, sempre há caminhos de descontinuidades, "brechas" em que se podem experienciar a vida de outra forma, buscando, nas palavras de Freire, sua "boniteza". "Boniteza" que só pode

andar junto do “ser mais”, da esperança, da utopia, uma vez tendo-se a dimensão que homem e mundo são inacabados, e que somos nós que fazemos tanto um quanto o outro, em um movimento dialético. Freire aponta que há de se ter a dimensão de que o tempo é histórico, o que coincide com Sartre. A historicidade do tempo indica que há que se ter paciência para ir atuando na transformação do mundo, mas que esta transformação é um processo, e nem sempre caminha a passos desejados, pois a história é feita por muitas mãos, e não se tem a garantia de se realizar o projeto tal qual foi concebido. E é exatamente nesta trama, que envolve projetos diversos, que o homem atua... e sempre atua.

Talvez o melhor que se tem a fazer é recuperar radicalmente a dimensão da liberdade humana. Isto significa engajar-se na construção de si e do mundo – construção que ora continua, ora modifica –, mas imbuída do rumo que levará aonde se quer chegar. Isto implica ter a certeza do inacabamento do homem e do mundo, respirando-se a possibilidade do vir a ser, da utopia, do inédito viável. Os processos de intervenção psicológica e os processos educativos (formais e informais), partindo da liberdade do homem, seriam possibilitadores da assunção de seu ser como um ser livre, que se encontra em tal situação por conta de suas próprias escolhas em meio às escolhas alheias e a certo mundo objetivo com o qual se depara, retomando-se, pois, que o homem nasce livre. O papel da psicologia e da educação seria o de levar esse homem à localização, precisamente, dessa sua condição no mundo, mediando seu processo de transcender-se para o seu campo de possibilidades de ser, muitas vezes não alcançado pela mistificação que envolve exatamente a natureza de seu ser (natureza aqui tratada como aquilo que o caracteriza), compreendida e aceita por ele a partir da cultura dominante como uma natureza determinada por condições exteriores a ele, e que, diante das quais, só lhe resta conformar-se.

Obviamente, tal mistifório propagado pela cultura dominante tem o objetivo claro de manter o homem nessa escuridão, a fim de alcançar seus interesses e propósitos de dominação. Ao dar-se conta, por meio de uma educação e psicologia libertadoras, que, até o momento se fez um ser conformado e amedrontado por conta também de uma educação bancária, que o mediou para o exercício da consciência transitiva ingênua, esse mesmo homem poderá ser diferente ao conscientizar-se, segundo Freire, o que o levaria à libertação – ou seja, à emersão, tanto de sua situação existencial singular, quanto de

sua situação existencial coletiva. Em Sartre, como já se viu, tal constatação não garante que o homem escolha mover-se em consonância com a sua própria constituição ontológica, como um ser livre como sempre foi, desde seu nascimento, e pode não assumir essa sua condição entre os outros e as coisas; poderá escolher a má-fé, por julgar que a negação de sua liberdade é a melhor forma de continuar obtendo certos benefícios para si e para alguns outros que lhe interessam, pelos mais variados motivos. Contudo, assim mesmo, terá que assumir também o ônus dessa escolha, em detrimento de quaisquer benefícios, o qual, em seu grau máximo, sempre leva ao enlouquecimento, devido à solidão a que estas pessoas ficam remetidas.

Defende-se aqui a posição de que a psicologia e a educação precisam mediar a construção de homens e mulheres que não tenham medo de dizer a sua palavra de contemplação do mundo. Homens e mulheres abertos a aprenderem com outros. Homens e mulheres que acreditem em si e nos outros para uma ação coletiva. Homens e mulheres que possam estabelecer relações entre si de reciprocidade e autenticidade, de conquista do mundo e não de conquista do outro, como aponta Freire. Homens e mulheres que saibam dialogar, e não apenas prescrever. Homens e mulheres que possam, assim, se libertar na esperança, em que a utopia encontre seu lugar no direcionamento do mundo.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005. 140p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 184p.

_____. **Pedagogia da esperança** – um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2008. 116p.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 32. reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2009. 158p.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. In: **Coleção Os pensadores**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987a. p. 01-32.

_____. Questão de método. In: **Coleção Os pensadores**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987b. p. 109-191.

- 1 Para Freire, utopia é um ato de conhecimento que exige o conhecimento crítico da realidade: “Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico”. (FREIRE, 2008, p. 32).